



SILVA, Edson Santos. Entre enganos d'alma e didascálias: breve ensaio cênico para Inês de Castro. **Revista Épicas**. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 96-100. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.96100>

ENTRE ENGANOS D'ALMA E DIDASCÁLIAS: BREVE ENSAIO CÊNICO PARA INÊS DE CASTRO

BETWEEN DECEITS OF THE SOUL AND DIDASCALIAS: BRIEF SCENIC REHEARSAL FOR INÊS DE CASTRO

Edson Santos Silva¹
Unicentro/I- PR²

RESUMO: O objetivo do ensaio dramático que ora se apresenta é o de dar a voz a lendária personagem Inês de Castro. Três obras servem de inspiração para a produção do jogo cênico no qual a cultura lusitana dialoga com a nordestina: **O caso de Pedro e Inês:** Inês (quecivel) até o fim do mundo – ABC de literatura, de Francisco Maciel Silveira, alguns poemas de Natália Correia e a canção “Assum Preto”, de autoria de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga e interpretada por Gal Costa.

Palavras-chave: Dramaturgia; Cordel; Inês de Castro, Assum Preto.

ABSTRACT: The objective of this essay is to give voice to the legendary Inês de Castro. The three works served as inspiration for the scenic game production in which the Lusitanian culture dialogues with the northeastern culture: **O caso de Pedro e Inês:** Inês (quecivel) até o fim do mundo – ABC da literatura, by Francisco Maciel Silveira, some poems by Natália Correia, and the song Assum Preto, written by Humberto Teixeira and Luiz Gonzaga, and performed by Gal Costa.

Keywords: Dramaturgy; Cordel; Inês de Castro, Assum Preto.

¹ Professor Associado de Literatura Portuguesa na UNICENTRO/Irati.

² Agradecimentos à **Fundação Araucária** que por meio de financiamento tornou possível minha ida ao evento: Jornadas Internacionais de Literatura de Cordel e Xilogravura (II). O evento ocorreu e 22 a 25 de agosto de 2023 em Serra Talhada e Triunfo/PE.

O cenário deve ser composto por fotos do pássaro Assum Preto. Tais fotos devem permanecer em cena, sobretudo nas paredes, durante todo o tempo em que a atriz estiver no palco. É crucial que as imagens do pássaro sejam acompanhadas pela canção *Assum Preto*, não na voz de Luiz Gonzaga, mas na de Gal Costa.³ Quando as cortinas se abrem, há um foco de luz apenas na atriz, que usa um vestido branco. Ela está em posição fetal e aos poucos, com gestos delicados, se levanta, caminha em direção à boca de cena, de modo a encarar a plateia. Neste momento a luz se amplia e a música arrefece.

INÊS – (quase enlevada): Eu quero falar de amor, não aquele do tédio das sandálias conjugais, mas daquele que se eterniza. Sou Dona Inês e já fui cantada em prosa e verso, mas hoje estou aqui para falar de mim. Sempre tive colo de nove, tocado de graça, em que o infinito se enlaça. Como resultado do meu amor pelo meu Pedro, fui morta. Os portugueses adoram sangue. Depois me colocaram num ritual macabro de uma coroação. Posso dizer que beberam em minha carne a claridade que dos deuses escorre para a mais pura taça. Ira, tempestade, desgraça besuntaram a mão daqueles que me feriram. Uma certa fatalidade une sempre os algozes. O que se vê hoje é que todos esperam o fim do mundo aos meus pés, porque com minha morte eu me tornei uma fantástica rainha. Eu venho do sonho e fujo da vida. Que importa a vida se eu sempre me glorifiquei no eterno.

Inês repete três vezes a frase *Eu sempre me glorifiquei de eterno*, e logo corre para o meio do palco, e depois corre de forma circular, de modo que os espectadores vejam nitidamente os desenhos que estão na parede. Nesse momento, a voz de Gal Costa canta o excerto da música:

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió.

A música baixa de intensidade, ocorre um blecaute e quando a luz volta Inês novamente se encontra na boca de cena olhando a plateia.

³ Composição: Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. Segue link do youtube no qual Gal Costa canta Assum Preto:
[https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ZMEYXZ4b2hI#:~:text=GAL%20COSTA%20%2D%20ASSUM%20PRETO%20\(ENSAIO%201970\)%20%2D%20YouTube](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ZMEYXZ4b2hI#:~:text=GAL%20COSTA%20%2D%20ASSUM%20PRETO%20(ENSAIO%201970)%20%2D%20YouTube). Acesso em: 27 jan. 2024.

INÊS – (poética): É o que acontece durante a rapidez da descida que é a explicação da vida. Por isso, pra mim, poesia é magia. Antes de eu ser assassinada, duas partes do meu corpo pareciam ter vida própria: minhas mãos e meus olhos. Mãos e olhos pareciam ser asas no exílio do meu corpo. Meus olhos eram ainda ondas de amarguras numa água tranquila, como se eles fossem pássaros esquivos em meus ombros de aragem. Mas foi com as mãos em prece que eu supliquei ao pai de Pedro.

Nesse momento, Inês vira as costas para a plateia e se depara com a fotografia do Assum Preto com os olhos vazados. Silêncio total.

INÊS – (pueril e terna). (Vale-se da estrutura da literatura de cordel para falar com um hipotético D. Afonso IV):

Diga-me, meu sogro querido,
por que todo esse alarido
e essa soldadesca armada?
Com o susto fui despertada
de um pesadelo medonho.
Vejo aqui, agora, meu sonho.

tornar-se crua realidade.
Que crime cometi, senhores,
para o cutelo da maldade
punir-me com os estertores
de uma morte sem piedade,
surda a inocentes clamores?

Se amar Pedro é meu crime,
se os três frutos desse amor,
dessa infinita paixão
são pecado e danação,
já me resta em que me arrime,
já não me resta salvação,

salvo a piedade subida

por esses três inocentinhos
que ficarão sem meus carinhos
se me cortais o fio da vida
-punição que não mereci,
por crime que não cometi.

Que fiz de mal, se não servir
com lealdade ao Amor?
Sem nada em troca pedir,
a Pedro Infante, meu senhor,
toda a ele me consagrei.
Isso é pecado? Então pequei!

Qual o peito, o coração,
que, de pedra, sem piedade
não tenha menor compaixão
ante tamanha crueldade?
Triste de mim que, inocente,
morro assim tão cruamente!

Novo blecaute e quando o foco de luz cai sobre Inês ela está novamente na boca de cena.

INÊS – (como quem sonha). Uma aragem de ternura quase tocou meu sogro. Ele se porta como Pilatos, e a sanha dos algozes toma meu corpo transparente e nos meus olhos de vidente eu vejo nos deles a morte que eles procuram. Minha ternura antevê ângulos de tragédia e um gosto de sangue percorre todo meu ser, e a vida só pode ser aumentada em palavras, palavras, palavras, O amor é ser-se dono e não ter nada. Ante a morte, a minha exatidão era estar repleta do que mais fica quando de mim vai: meu ar, meu ser, meus ais. Eis-me sem explicações, crucificada em amor. Revolta é ter-se nascido sem descobrir o sentido do que nos há de matar. O amor vai continuar. Ele continua sempre porque o Amor que vence a morte vive além de sua duração. Foi pela minha morte que meu amor se eternizou. O meu amor e o de Pedro serão sempre uma saudade de música crescendo até o fim do mundo.

Blecaute total. Quando a luz ilumina a cena, ela está totalmente vazia. Com voz “em off”, a atriz declama o poema abaixo, de autoria de Natalia Correia:

Era pedra e sobre essa pedra
Ergueu-se o templo do amor atroz.

Ele de fogo, ela a cordeira
Toda cordura chamando o algoz.

.

Sangram as tubas: Inês é morta!
Em meigo mito transmuta-a o pranto
Do ermo amante que erra sozinho
No seu deserto de diamante.

.

Nem ar sangrento buscam seus olhos
Do corpo amado desfeitas pérolas;
E como fera coro os ossos
Da formosura que ao alto o espera

.

E em desatino da paixão lusa,
Perdida a alma que em Inês tinha,
O fim do mundo ficou esperando
Aos pés da morta, sua rainha.

Blecaute total e fechamento das cortinas ao som da música que abriu o ensaio cênico, *Assum Preto*, na voz de Gal Costa.

Referências

CORREIA, Natália. **Antologia Poética**. Organização, seleção e prefácio de Fernando Pinto do Amaral. Lisboa: Dom Quixote, 2021.

SILVEIRA, Francisco Maciel. **O caso de Pedro e Inês: Inês (quecivel) até o fim do mundo – ABC de literatura**. São Paulo: Kapulana, 2015.